

A POESIA HUMANISTA DE PEDRO CASALDÁLIGA E PAULA TAVARES: UMA LEITURA INICIAL.

Prof. Ms. Edson Flávio Santos⁵
(PPGEL / UNEMAT)

Resumo: Condições sócio-históricas parecidas em civilizações diferentes possibilitam articulações dentro da perspectiva da Literatura Comparada onde as obras poéticas podem implicar em imbricações produtivas uma vez que os poemas sinalizam transitar entre várias línguas e culturas, gerando confluências e singularidades que emergem em diálogos interculturais. Utilizando-se dos conceitos de *patterns* literário, engajamento e utopia discutidos por Abdala Júnior (2003 e 2012), comparativismo literário (MAQUEA, 2010), questões da produção literária angolana descritas por Tania Macedo (2007) e relações entre humanismo/literatura e o papel do intelectual formulados por Edward Said (2003 e 2007) nos propomos a realizar uma aproximação inicial de alguns poemas de Pedro Casaldáliga e Paula Tavares.

Palavras-chave: Literatura Engajada, Crítica Literária, Poesia Angolana, Casaldáliga, Literatura Comparada.

Abstract: Similar socio-historical conditions in different civilizations allow joints from the perspective of comparative literature in which poetic works may involve overlapping productive since the poems indicate transitions between different languages and cultures, generating confluences and singularities that arise in intercultural dialogues. Utilizing the concepts of literary patterns, engagement and utopia discussed by Abdala Júnior (2003 and 2012), comparative literature (MAQUEA, 2010), issues of Angolan literature described by Tania Macedo (2007) and relations between humanism / literature and role of the intellectual formulated by Edward Said (2003 and 2007) we propose to perform an initial approximation of some poems of Pedro Casaldáliga and Paula Tavares.

Keywords: Committed Literature, Literary Criticism, Poetry Angola, Casaldáliga, Comparative Literary.

O aparecimento das literaturas de Língua Portuguesa produzidas em África resultou de um longo processo histórico de assimilação marcadamente nas décadas de 40 e 50 do século XIX e no Brasil, observa-se um crescente interesse pelo estudo das literaturas africanas. Os laços que nos unem a esses povos nos ajudam a entender e refletir sobre a produção literária de autores dessas sociedades que se viram, por muitos anos, sob domínio de colonizadores.

Conforme Pinheiro (2011) nesses países, Brasil e Angola, as apropriações culturais do processo de colonização resultaram numa base híbrida que interagiu com vários universos culturais. Desta forma as condições sócio-históricas parecidas em civilizações diferentes possibilitam articulações dentro da perspectiva da Literatura Comparada em que as obras poéticas a serem analisadas nesta pesquisa, podem implicar em imbricações produtivas uma vez que os poemas que propomos analisar transitam entre várias línguas e culturas, gerando confluências e singularidades que levam a reflexão sobre possíveis trocas e circulação de aspectos que emergem em diálogos interculturais entre as duas culturas.

⁵ Doutorando do Curso de Pós Graduação em Estudos Literários – PPGEL/UNEMAT sob orientação do Prof. Dr. Benjamin Abdala Júnior/USP-UNEMAT e Co-orientação da Profa. Dra. Vera Maquêa/UNEMAT. Bolsista Fapemat. E-mail: edsonflaviomt@gmail.com



Ao realizar essa literatura, pensamos com Abdala Júnior (2003, p. 105), estes autores irão produzir dentro de uma *ecologia cultural* depreendida de um *patterns* literário europeu e latino-americano, uma literatura engajada que se constituirá por articulações comprometidas com o devir social e que deslocam formas de representação mais fotográficas da realidade, e da tensão provocada por esse engajamento surge a necessidade de se criar projetos literários, que formarão sistemas, referindo-me aqui ao conceito elaborado por Antonio Candido (1993), encontrado também em Ángel Rama (2008) para pensar o panorama das literaturas latino-americanas.

A instauração desses sistemas literários será fundamental para que se estabeleça uma rede de solidariedade entre estas nações, que lançará essa literatura/libertária para o universo da literatura dos países fratrios. Esse processo se dá no plano efetivo da escrita que é motivada ideologicamente, onde o ser se constrói na medida que as relações dialéticas dessas nações se inter-relacionam.

Nesse sentido, Vera Maquêa afirma que

o comparativismo da solidariedade tem surgido como um campo produtivo da literatura comparada, tendo em conta que as literaturas dos países de língua oficial portuguesa permitem trocas culturais e políticas a partir da língua e de suas bases culturais comuns (MAQUÊA, 2010, p. 21).

Para a autora, essas trocas são feitas, acima tudo, através dos diálogos culturais, que devido a circunstâncias históricas a língua portuguesa servirá como “forma de reconhecimento fraterno e em que a literatura e a cultura se movimentam no sentido de criar e de ensaiar possibilidades de transformação social por meio de seus agentes, no caso da literatura, escritores e intelectuais” (op. Cit., p. 22).

Angola e Brasil, por caminhos distintos, mas ambos na busca da sonhada autonomia encontraram na Literatura um dos espaços de resistência para essas lutas e conquistas. Considerando os períodos históricos e políticos distintos, os dois países apresentam semelhanças em certos momentos do processo de afirmação de suas literaturas nacionais, por isso é relevante notar que, em virtude da opressão a que foram, ou em alguns casos ainda estão, submetidas essas nações, surge a base de uma escrita com ênfase social muito forte.

O Brasil e Angola nas décadas de 60 e 70, especificamente, viviam, em meio a realidades semelhantes: as lutas sociais. No Brasil, a rigidez do militarismo e as políticas



de povoamento e divisão de terras impostos no interior do país expulsava pequenos produtores e dizimava indígenas, enquanto em Angola, a luta - por vezes armada - pela organização social de um país de independência recente ainda soava indigesta para o colonizador.

A poesia dos autores destes Países produzida nos anos seguintes assume a luta pela liberdade, não só de um povo/nação, mas na estrutura de sua poesia que instaura uma forma, dando origem a estética e temáticas diferentes daquelas que se apresentavam como modelo.

Surge uma poesia-práxis que retrata as tensões dos países que encontram-se sufocados pelas forças políticas opressoras/repressoras, e procura representar, com toda a sua complexa desarmonia, o homem do Século XX, que envolto por essas forças políticas, vive em um espaço de valores contraditórios, desaparecendo e perdendo, cada vez mais, a sua identidade.

O trabalho artístico dos escritores viventes desse período da literatura revela, em seus textos, a condição do homem da década de 70 e dos anos subsequentes, dominados pelas imposições sociais, capitalistas e religiosas.

Essa poesia-práxis, fruto da modernidade, revela um homem/mulher “fora do lugar” que não se aceita e não se encaixa nos modelos propostos pela sociedade. Porém, muito mais que revelar uma não aceitação, o eu-lírico dessa poesia será um grito de denúncia contra o simulacro das diversas situações encobertas pelas leis e pela sociedade.

Tomamos para o presente artigo a poesia produzida pelo poeta brasileiro Pedro Casaldáliga e pela poeta angolana Paula Tavares.

Ambos, em seus textos, irão revelar/refletir/manifestar os sentimentos existenciais do homem dominado, oprimido e subalterno, tendo sempre como premissa os anseios individuais de um eu que é também coletivo-social.

Pedro Casaldáliga e Paula Tavares, pelas trajetórias de intelectuais e de poetas, tornam-se, contemporaneamente, em seus países, ícones da luta pelos direitos humanos, pois segundo o crítico Edward Said a literatura deve ser vista

como um lugar de disputa dentro da sociedade, em que trabalho, lucro, pobreza, expropriação, riqueza, miséria e felicidade são a matéria-prima da arte do escritor, em que a luta para ser claro, ou militante, ou neutro, ou comprometido está na própria natureza do texto (SAID, (2003, p. 224)



Sendo assim e colocados em perspectiva de análise comparatista é possível dizer que no Araguaia as situações de exploração e opressão a que são submetidos os seres humanos, irão dialogar com a situação de Angola, reveladas pela poesia de Paula Tavares,

Diante disso parece-nos salutar ver como se operaram nas obras produzidas pelos autores aquilo que Candido (2000, p. 4) analisa como o elemento “*externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*”.

Nesta senda, Casaldáliga produz uma obra que traz para dentro do texto uma oposição ao processo de expropriação de terras, utilização de trabalho escravo e opressão aos menos assistidos economicamente, não representantes apenas da Região Nordeste de Mato Grosso, mas de toda a América Latina. As questões defendidas em sua poesia parecem sustentar uma certa ideia de latinoamericanidade.

Do mesmo modo, Paula Tavares, irá promover um chamamento através dos seus versos para que todos vivam uma possível africanidade, ligada às questões de lutas pela independência, também do gênero feminino, vividas pelos países africanos, principalmente em Angola.

Sobre a poesia angolana, lemos em Tânia Macedo que

na medida em que a busca do próprio, do nacional será traço não raro perseguido por autores que, muitas vezes em uma *poética de ruptura*, buscam a afirmação de caminhos que dêem conta do universal a partir das particularidades nacionais (MACÊDO, 2007, p. 55, grifo da autora).

Assim colocada, a poesia desses autores se iluminam e se reconhecem lançando o olhar para questões locais que se colocam para além do localizado e se universalizam. Temos então, dois poetas que chamaremos neste artigo de “engajados” pois produzem obras literárias, que dialogam entre si, carregadas por uma poesia de caráter político-social que se apresenta na marca da diferença, da alteridade, da negação e/ou questionamento do sistema de poder vigente. Como podemos ver na poesia de Paula Tavares (1999), nos seguintes versos:

November Without Water

Olha-me p'ra estas crianças de vidro
cheias de água até às lágrimas
enchendo a cidade de estilhaços
procurando a vida
nos caixotes do lixo.

Olha-me estas crianças



transporte
animais de carga sobre os dias
percorrendo a cidade até aos bordos
carregam a morte sobre os ombros
despejam-se sobre o espaço
enchendo a cidade de estilhaços.
(TAVARES, 1999, p. 36)

E em *Picolezeiro* (2003, p.71), Casaldáliga diz:

Com seus dez anos, sabido
como dez livros completos,
no isopor, a tiracolo,
leva sua vida a preço.

Picolezeiro,
por um sorriso
dou-te um cruzeiro.

Seu coração pequenino
será um picolé vermelho,
massa de frágil ternura
se derramando num gelo?

Picolezeiro,
o teu sorriso
vale um cruzeiro?

Passam os ônibus, passam
por suas mãos os dinheiros.
Descalço de pés e sonhos,
só ele é passageiro.

Picolezeiro,
só valeis isso,
tu e companheiros?

Picolés de milho verde
e uma espiga de protesto:
não te vendas mais em trocos,
tira o tiracolo em tempo!

Os versos dos poetas, ao mesmo tempo que revelam a imagem da infância perdida nas ruas, questionam o leitor: quem é, ou quem são, os culpados pela infância desvalida dessas crianças? Qual a resposta?

São imagens da infância perdida nas ruas *com seus dez anos* e um saber da vida *sabido/como dez livros completos* nosso *Picolezeiro* *leva sua vida a preço* juntamente com outras crianças de outros lugares que *cheias de água até às lágrimas/enchendo a cidade de estilhaços* vivem *procurando a vida/ nos caixotes do lixo*. Porque?

A situação social a que estão expostas essas crianças e o descaso da sociedade em relação a esse cenário é o motivo da *espiga de protesto* do poeta. Roubadas de sua infância



e de seus sonhos, está exposta a cortante realidade não só do Araguaia e de Angola, mas do Brasil, ou de qualquer lugar do mundo: um panorama de desemprego, de miséria, e, uma das mais preocupantes, a utilização da mão de obra infantil.

Pelo viés crítico do trabalho artístico da escrita, os dois poetas, desempenham não somente seus papéis de cidadãos em todo o painel de luta contra a injustiça, mas o de poetas que tem na poesia, um compromisso de engajamento social em busca de uma sociedade igualitária.

Essa melhoria social, é condição *sine qua non* para Casaldáliga e Paula Tavares, pois a poesia produzida por ambos busca catalisar a ausência dos valores imanes do ser humano. A não presença desses valores no mundo presente é o mister do processo de criação, pois, “a poesia cria, através da ação simbólica, com poder revolucionário muitas vezes, um novo mundo e novas relações sociais” (BOSI, 2000, p. 167), e é na revolução e no engajamento que se encontra lugar para a poesia desses dois poetas.

Sob essa perspectiva é que nos propomos ao estudo comparatista entre os dois autores já mencionados, pois no dizer de Abdala Júnior “A literatura é o espaço da manifestação das “dimensões do desejo (potencialidade subjetiva), em nível não apenas individual, mas também das aspirações dos grupos sociais” (ABDALA, 2012, p. 45) e esse desejo que carrega toda essa energia de luta presente nas produções dos autores em questão.

Um dos pontos fortes da produção poética desses autores é a ênfase social de seus textos e dentre os temas adotados pela poeta Paula Tavares está o da mulher.

No período de luta pela Independência angolana, a figuração da mulher na literatura foi associada à imagem da terra-mãe-África. O sentido da mulher como aquela que cria e relação desta com a terra, no sentido referente a fertilidade e fecundidade, contribuiu para que a função materna estivesse ligada a simbologia da mulher. Este fato foi importante pois serviu para determinar a posição da mulher na sociedade. Desse modo, a poesia de Paula Tavares é um importante referencial pois guarda uma íntima relação com o corpo feminino, como vemos no poema abaixo:

A Manga

Fruta do paraíso
companheira dos deuses
as mãos
tiram-lhe a pele
dúctil
como, se de mantos
se tratasse



surge a carne chegadinha
fio a fio
ao coração
leve
morno
mastigável
o cheiro permanece
para que a encontrem
os meninos
pelo faro.

(TAVARES, 1985, p. 17)

O título do poema já denota a marca erótica do texto. O formato oval da fruta que nomeia os versos é uma relação direta com o órgão genital feminino, criando a primeira relação imagética do texto: manga/vagina. Seguem-se outras relações como a dos inúmeros fios que podem designar relação aos pelos pubianos do órgão feminino e o verso *Fruta do paraíso* que, mesmo não sendo a maçã, evoca a primeira mulher – Eva.

No processo de as *mãos /tiram-lhe a pele/dúctil//... surge a carne chegadinha*” temos a descrição do ato sexual que estabelece relação com os versos onde afastando-se os pelos encontra-se a vagina. E o poema segue numa descrição poética do movimento sensual dos amantes.

A mulher como dona do seu corpo, ciente dessa perenidade e cheio de sensações é a representação do desejo de como se quer ser mulher na sociedade angolana, desestabilizando os sentidos postos até então pela subserviência e pela cultura.

Nesse sentido, por meio das análises feitas até aqui, desprende-se da leitura de seus poemas uma possível identificação com o novo caminho que passa a tomar a literatura feminina, escrita, em Angola, onde os novos sujeitos, eu-líricos, da poesia são colocados como tensionantes no papel, afim de articular formas de superar a identidade cristalizada pela história.

Tavares busca denunciar um projeto de democratização social que ainda precisa ser concluído, pois nas literaturas de ênfase social o texto artístico vai propiciar a “intersecção de expectativas, na perspectiva de agir sobre o presente, e dada a natureza da comunicação artística, também sobre o futuro.” (ABDALA, 2003, p. 130)

A marca do futuro que se deseja e do presente que se quer passado é marca também na poesia é Pedro Casaldáliga. Poeta, imerso num ambiente hostil, em cujo espaço geográfico emerge sua obra. Como constituidora da literatura brasileira sua escritura revela uma região que, poeticamente não representa apenas um “Araguaia”, mas reproduz um



modelo de humanidade, de homem, de civilização, revelando um engajamento social com a realidade em que se encontra inserido.

Essa postura perante o mundo constitui o discurso consciente do intelectual na verdade poética que representa o lamento/grito de um presente que se lança como chamamento para o futuro.

Nesse contexto das prefigurações do imaginário político-social, Benjamin Abdala (2003, p. 110) vincula as literaturas engajadas como constituidoras de “articulações comprometidas com o devir social e que deslocam formas de representação mais *fotográficas* da realidade [...] impregnando-as das marcas (ideológicas) da subjetividade do sujeito” (*Grifos do autor*). Dessa forma, a práxis dimensiona o caráter da escrita que rompe com o conformismo, ou seja, o escritor atua tanto como produtor do pensamento, quanto pelas reflexões de sua própria posição no processo artístico.

A atuação de luta/denúncia é que nos parece clara no poema TERRA NOSSA, LIBERDADE:

[...]
Malditas sejam
as cercas vossas,
as que vos cercam
por dentro,
gordos,
sós,
como porcos cevados;
fechando,
com seu arame e seus títulos,
fora de vosso amor,
aos irmãos!

(Fora de seus direitos, seus filhos e seus prantos
e seus mortos, seus braços e seu arroz!)

Fechando-os
fora dos irmãos
e de Deus!

Malditas sejam
todas as cercas!
Malditas todas as
propriedades privadas
que nos privam
de viver e de amar!
Malditas sejam todas as leis,
amanhadas por umas poucas mãos
para ampararem cercas e bois
e fazer a Terra, escrava
e escravos os humanos!
[...] (CASALDÁLIGA, 1978, p. 191-193)



Como força linguística, pode-se dizer que a mão do bispo que abençoa é a mesma que mão do poeta que agora lança a maldição pelo verso. O gesto/ritual do sacerdote dá lugar à palavra cortante de indignação diante da realidade encontrada.

O cenário imagético que brota no texto poético permite traduzir sentimentos o próprio Casaldáliga experimenta quando amaldiçoa *todas as cercas*. Cercas que, graficamente, separam toda uma estrofe, e junto com ela toda a parcela desse povo sem-terra.

Postos em consideração todos os poemas apresentados neste texto, percebemos que tanto em Angola, quanto no Araguaia, a “ânsia pela transformação é muito intensa e se associa ao processo revolucionário” (ABDALA, 2003, p. 107), sejam pelos versos do catalão radicado no Brasil, seja pela escritora angolana Paula Tavares.

Esse processo revolucionário dá-se de forma consciente na medida que o textos dos escritores assentam as bases de sua literatura em tensões/conflitos humanos e suas implicações, principalmente quando estas perpassam pelo papel social que cada um desempenha na sociedade onde estão inseridos.

Edward Said (2007, p. 25) diz que “o humanismo como uma práxis utilizável para intelectuais e acadêmicos que desejam saber o que estão fazendo, com o que estão comprometidos como eruditos, e que também desejam conectar esses princípios ao mundo em que vivem como cidadãos.” Nesse sentido a ferramenta utilizada por ambos está na escrita, é através da poesia que a denúncia e a possibilidade de humanizar as relações sociais acontece, pois, para Said o humanismo, que aparece nesse caso pela via da literatura, é uma forma de conhecer a nós mesmos, a nossa própria humanidade.

Por meio das análises iniciais, feitas até aqui, procurei perceber as possibilidades da leitura da poesia de Casaldáliga e Paula Tavares, também sob o viés do papel dos autores como intelectuais atuantes na sociedade.

Um papel que firma-se no desvendamento da realidade e que possibilita um despertar da consciência crítica do leitor de sua poesia, impulsionando-o para ação.

O conteúdo e o modo com que eles escolheram para “dizer” sobre as coisas conduzem a obra à integração com a matéria histórico-social, e, por isso, essa obra vai se constituir como um suporte para o diálogo com os diversos contextos: político, social, cultural, religioso e literário.



Os poetas por hora apresentados propalam através de seus textos um mundo onde “as pessoas [...] podem ser, e o são, movidas por ideais de justiça e igualdade” (SAID, 2007, p. 29) e por isso os versos de Pedro Casaldáliga e Paula Tavares são um chamamento para uma sociedade melhor, uma poesia cheia de esperanças, comprometida com todos aqueles que juntos, de perto ou de longe, lutam pela justiça, pelo amor e pela vida.

Referências Bibliográficas

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. Algumas Observações sobre a Comparação entre Escritores Engajados das Literaturas de Língua Portuguesa. In: _____ **De vãos e ilhas:** literatura e comunitarismos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- _____. Geocrítica, marcas eurocêntricas e comparativismo literário. In: _____ **Literatura comparada & relações comunitárias, hoje.** São Paulo: Ateliê, 2012.
- _____. **Literatura, história e política:** literaturas de língua portuguesa no século XX. São Paulo: Ateliê, 2007.
- _____. *Margens da cultura:* mestiçagem, hibridismo e outras misturas. São Paulo: Boitempo, 2004.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade.** São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.
- CASALDALIGA, Pedro. **Antologia retirante.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- _____. **Cantigas menores.** Goiânia: Ed. da UCG, 2003.
- SAID, E. A esfera do humanismo. In: **Humanismo e crítica democrática.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. História, literatura e geografia. In: **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- MACÊDO, Tania & CHAVES, **Literaturas de Língua Portuguesa:** Marcos e Marcas – Angola. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.
- MAQUÊA, Vera. **A escrita nômade do presente:** literaturas de língua portuguesa. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2010.
- PINHEIRO, Hérica A. J. Da C. OS DESLIMITES DA POESIA: DIÁLOGOS INTERCULTURAIS ENTRE MANOEL DE BARROS E ONDJAKI. 2011, 100 f.



Dissertação (Mestrado em Estudos Literários/PPGEL) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Tangará da Serra.

RAMA, Ángel. **Literatura, Cultura e Sociedade na América Latina**, tradução: Rômulo Monte Alto, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SANTOS, Edson Flávio. *Cercas malditas: utopia e rebeldia na obra de Dom Pedro Casaldáliga*. 2011, 84 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários/PPGEL) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Tangará da Serra.

TAVARES, Paula. **Cerimónias de passagem**. Ritos de passagem. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1985.

_____. **O Lago da Lua**. Lisboa: Caminho. 1999.

